



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Sirley Machado Maciel
Nanci Stancki da Luz

RESUMO

Ao definir se uma pessoa tem o corpo de menino ou de menina, a sociedade também tende a, junto com essa constatação, seguir impondo seu gênero e sua orientação sexual. Essas imposições aos papéis atribuídos marcam os corpos e contribuem para a continuidade de desigualdades e opressões. Os corpos, masculino e feminino, carregam, em suas expressões, as marcas dessas desigualdades e dessas opressões, que são transmitidas por meio da comunicação não verbal. É fundamental compreendermos essas desigualdades e constatá-las nesse tipo de linguagem, para que, possamos romper as desigualdades de gênero e construir corpos capazes de se manifestar, de se comunicar com mais harmonia, eficiência, desenvoltura, com mais expressão, mais poder e mais liberdade, contribuindo, dessa forma, para a efetivação da cidadania, que sempre será incompleta, sem a liberdade da expressão corporal criativa.

PALAVRAS-CHAVES: Comunicação. Comunicação não-verbal. Gênero.



Antes mesmo de nascer um ser humano, é comum que se questione se é menino ou menina? Essa pergunta, que parece fácil de responder e que a resposta estaria na simples observação do corpo do bebê, apenas nos responde sobre os corpos dos seres humanos. A partir de um registro corporal, todavia, cria-se a primeira identidade do ser humano, a identidade de gênero: ser homem ou ser mulher. Devemos considerar, no entanto, que esse determinismo biológico tem sido questionado há muito tempo e não possibilita a compreensão de uma construção social e histórica do homem e da mulher.

Destacamos que, “determinismo biológico, por sua vez, estabelece como causa para as diferenças entre as pessoas e a sociedade suas características biológicas” (CARVALHO, 1998, p.89).

Essas diferenciações são insatisfatórias quando analisamos os sexo/gênero/orientação sexual dos seres humanos. Os estereótipos de gênero continuam reforçando o que é aceito historicamente: a caracterização de homens que



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

são fortes, racionais, menos sensíveis, agressivos, corajosos, provedores e investigadores. Já as mulheres são choronas, frágeis, sensíveis, meigas, gentis, delicadas e afetivas. Os estereótipos reforçam ainda a história da separação entre o público (masculino) e o privado (feminino). Associando as mulheres aos espaços de casa e às atividades de cuidados – tarefas domésticas, cuidados de crianças e doentes – e os homens aos espaços públicos de produção, atribuindo a eles o papel de provedor. É fundamental destacar que o ser humano vai além do campo biológico; ele é um ser social, histórico, cultural, político e de gênero, isto, é ser homem e ser mulher, vai além de uma determinação meramente objetiva e biológica.

Com o livro “O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir, em 1949 inaugura uma reflexão contra o determinismo biológico. A autora defende a idéia de que o ser humano é caracterizado pelo tornar-se ser e não por suas constituições biológicas ou divinas. Portanto, ser homem ou ser mulher é uma construção social.

Dessas reflexões, surge a idéia de que não se nasce mulher, mas se passa-se a ser mulher e, dessa premissa, nascem os primeiros alicerces para os estudos de gênero, bem como para a sua conceituação. Da mesma forma que podemos afirmar que ninguém nasce mulher: torna-se, também podemos inferir ninguém nasce homem, mas torna-se homem.

O conceito de gênero surgiu oriundo de lutas feministas da década de 1960 e das várias tentativas de formulações e explicações teóricas e práticas sobre a opressão das mulheres.

Os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os *blackpanthers*, o movimento *hippie* e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária, e é justamente no bojo destes movimentos "libertários" que vamos identificar um momento – chave para o surgimento da problemática de gênero, quando as mulheres que deles participavam perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham nesses movimentos um papel secundário (GROSSI, 2014,pp.1-2).

Consideramos relevantes, além de questionar os papéis sociais atribuídos a homem e mulher, também questionar a construção dos corpos e suas representações.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Por corpo, entendemos:

O corpo – o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários dos quais cuidamos dele – é um agente da cultura. Como defende a antropóloga Mary Douglas, ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta. O corpo também pode funcionar como uma metáfora da cultura. Em autores tão diversos como Platão, Hobbes ou a feminista francesa Lucelrigaray, uma imagem mental da morfologia corporal tem fornecido um esquema para o diagnóstico e/ou visão da vida social e política (BORDO, 1988. P.19).

Assim, é com essa referência que defendemos a importância de uma maior reflexão e um maior interesse pelos corpos supostamente “dóceis”, que segundo Foucault (2003) é um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os corpos “dóceis” dos homens e das mulheres sofrem as consequências, se manifestam e adotam condutas diferentes frente aos controles sociais impostos, mas não menos discriminantes e opressores. Esse interesse tem como objetivo, contribuir para a busca de mecanismos e processos que visem à libertação desses corpos de padrões historicamente impostos.

Segundo Foucault (2003, p. 33), “Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, seguindo a rapidez e a eficácia que determina”.

Essa determinação social, cultural, política e histórica sobre os corpos humanos, afeta em todas as dimensões a vida de homens e mulheres, mas é na comunicação não verbal que essas interferências são determinantes.

Por comunicação, entende-se tudo que faz com que qualquer sinal ou mensagem emitidos por alguém seja recebido e decodificado por outrem. Por expressão, entende-se toda emissão consciente ou não de sinais e mensagens (SALZER, 1983, p. 19). E, por comunicação nãoverbal, entende-se “o processo de transmissão de mensagens não baseadas na palavra e com recurso da linguagem dos gestos e do corpo” (Vieira *et al*, 1999,p. 209),isto é,toda linguagem que advém dos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

sinais produzidos pelo corpo: movimentações, gestos, fisionomias, cheiros, posturas, tiques, cacoetes e todas as expressões corporais.

Segundo Machado (1999, p. 6-7), 7% da comunicação se dá pelas palavras e seu conteúdo;- 38 % da comunicação se dá pelas nuances da voz humana: tonalidade, velocidade, altura, melodia, etc.;;- 55% da comunicação se dá pela linguagem corporal: gestos, posturas, movimentações, expressões faciais e pela respiração, etc.

A comunicação não verbal, durante qualquer processo comunicativo, é relevante, seja ela de ordem formal ou informal.

A comunicação não verbal é muito forte e tende a ser diferente quando se trata de homens e mulheres. Essas diferenças são também construções sociais, embora no senso comum sejam apresentadas como resultado de diferenças biológicas. Seguem alguns exemplos dessas possíveis diferenças, para reflexão:

- As mulheres tendem a ocupar espaços físicos menores e de qualidade inferior aos espaços ocupados pelos homens;
- As mulheres sentem-se pequenas e se reduzem;
- Os homens tendem a valorizar-se mais e ampliar seus espaços de atuação;
- O andar masculino e o andar feminino tendem a ser distintos: as mulheres são ensinadas a dar passos menores e mais alinhados do que os homens;
- Enquanto as mulheres são ensinadas a andar sempre em linha reta e com as pernas fechadas, os homens poderiam andar de forma “desorganizada” e com as pernas abertas; as mulheres buscam andar com os quadris empurrados para frente e as pernas formando um “X”, isso faz com que elas tenham uma locomoção lenta e com esforço, enquanto a forma de andar dos homens é mais livre, aberta e confortável, possibilitando mais agilidade nos movimentos;
- Às mulheres é imposto, como símbolo de elegância, a utilização de saltos altos, o que favorece insegurança no andar e menor mobilidade feminina, dando a impressão de que os homens andam e se equilibram de forma mais segura,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

enraizados e centrados, ou seja, passando a ideia de que a segurança e a firmeza seriam características masculinas;

- As mulheres, quando estão sentadas, tendem a diminuir mais a ocupação do espaço, ou seja, buscam manter os braços colados no corpo, as pernas fechadas, os joelhos apertados e os pés para dentro e justapostos; já a postura corporal masculina, tende a ser diametralmente oposta à das mulheres: braços abertos, pernas abertas, joelhos longes um do outro e pés afastados e abertos;
- O vestuário “desejado” caracterizado para as mulheres facilita essas atitudes e posturas: os sapatos femininos apresentam uma diminuição dos pés, os saltos altos atrapalham a movimentação e a agilidade dos movimentos, não possibilitam conforto; são roupas apertadas e que não dão segurança, decotes, transparências, cores, estampas, adereços, etc.; já a vestimenta masculina tende a ser mais sóbria, confortável, o que passa a ideia de segurança, elegância e sofisticação;
- As vestimentas das mulheres restringem mais a respiração e o movimento do que as vestimentas masculinas;
- As mulheres altas tendem a se esforçar para parecer mais baixas, adotando uma postura corporal em forma de “S”, contraem ombros, afundam cabeça e dirigem o olhar para baixo e para cima; já os homens altos também tendem a se diminuir com menos ênfase. Às vezes, os ombros são caídos ou há uma curvatura nas costas, mas isso não tem sido interpretado como insegurança ou a tendência a se diminuir;
- A voz das mulheres tende a ser mais baixa, sendo inclusive “desejável” que elas não elevem suas vozes, às vezes chorosas ou, quando alta, é considerada como estridente e percebida como algo negativo. Com a voz sob tensão, as cordas vocais ficam comprimidas e há força excessiva ao falar, fazendo com que as mulheres utilizem mais as pregas vocais falsas, portanto falam em falsete; os homens em estados de tensão parecidos, não apresentam este fenômeno na voz e, sendo assim, a voz permanece inalterada;



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

- As mulheres tendem a ter uma respiração mais superficial, manter ombros tensos, presos e a caixa torácica é apertada, comprimindo a respiração; a respiração dos homens também pode ser ofegante, mas, eles não apresentam essa tensão;
- É mais comum que as mulheres tenham o olhar para baixo ou façam fugas de olhar, sendo interpretado como insegurança e nervosismo; já os homens são ensinados a olharem em pontos fixos e raramente para baixo, passando a impressão que são mais seguros e confiantes;
- As mulheres são educadas para que todos os seus gestos colaborem para sua invisibilidade social, enquanto que os homens são “autorizados” a ter gestos que favoreçam sua visibilidade.

A partir da década de 1970, aumentou significativamente a preocupação acadêmica com os temas relacionados às questões femininas e feministas, impulsionando pesquisas sobre as desigualdades de gênero. Isso possibilitou que as diferenças dos exemplos anteriores deixassem de ser percebidas como naturais e resultados de uma suposta essência masculina ou feminina.

No entanto, ainda há carência de pesquisas que discutam e desvelem tais diferenças. A partir de uma pesquisa inicial nos bancos de dados da CAPES¹, constatamos que existem poucos trabalhos voltados para a análise da comunicação feminina e, menos ainda, sobre a comunicação não verbal feminina.

No livro, *Falas Masculinas e Falas Femininas*, Aebischer e Forel (1991, p. 09) afirmam que,

A principal preocupação nesse campo também foi de saber o que difere na maneira de falar dos homens e das mulheres, de procurar indícios marcando uma diferença e de explicar, em seguida, esta diferença por determinismos biológicos (natureza, feminina, corpo de mulher) ou sociais (papéis sociais, condicionamento social). Por outro lado, é essa diferença que, detectada e determinada, explicaria o estatuto inferior das mulheres. Nessa ordem de ideia é interessante constatar que, quaisquer que sejam os métodos empregados – simples observação, análise estrutural, análise textual ou outros procedimentos

¹CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma agência de fomento à pesquisa brasileira que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados do país.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

–, é a linguagem dos homens que foi tomada como norma e, a das mulheres, sendo tratada como desvio e defeito.

Destacamos que as mulheres representam hoje 51% da população brasileira, IPEA² (2014). Estão inseridas socialmente em todas as atividades sociais, culturais e políticas. Porém, ainda convivem com desigualdades e preconceitos, particularmente no que tange à sua comunicabilidade. O corpo feminino, desde a mais tenra idade, é preparado para a conformidade e submissão. Será que podemos afirmar que a educação sexista interfere na comunicação da mulher? Certamente que sim. A mulher atual revolucionou padrões éticos, estéticos e morais, mas ainda necessita resgatar sua consciência e identidade corporal. Perceber-se e reconhecer-se na sua postura, nos seus gestos e na sua fisionomia, bem como questionar padrões impostos. A partir de reflexões como as apresentadas neste texto, pretendemos construir uma discussão acerca da relação de importância da comunicação não verbal feminina e buscar alternativas de superação das dificuldades e dos preconceitos que ainda persistem nesse campo, pois como afirma Bordo (1988, p.36/37):“(...) vejo nossos corpos como um local de luta, onde temos de trabalhar para manter nossas práticas diárias a serviço da resistência à dominação de gênero e não a serviço da ‘docilidade’ e da normatização”.

Sendo assim, todos nós, homens e mulheres, precisamos rever, reorganizar e readministrar nossos corpos a serviço da liberdade, autonomia e de uma comunicação eficiente.

²IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MACIEL, Sirley Machado; LUZ, Nanci Stancki. A comunicação não verbal sob uma perspectiva de gênero. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

REFERÊNCIAS

AEBISCHER, V. e C. FOREL. **Falas Masculinas, Falas Femininas? Sexo e linguagem**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARVALHO, M. G. de. **Tecnologia e Sociedade**. *Revista Tecnologia e Interação*, 1998, p. 89-102.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

JAGGAR, M. A. e BORDO, S. R. **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

MACHADO, A. M. de B. **Falando muito bem em público**. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1999.

SALZER, Jaques. **A Expressão Corporal – uma disciplina da comunicação**. Tradução: Juracy Daisy Marchese. São Paulo: Editora Difel. 1983.

VIEIRA, Flávia; BRANCO, Graça; Marques, Isabel; SILVA, Jacques da; MOREIRA, Maria Alfredo & SILVA, Marlene da (orgs.). **Educação em Línguas Estrangeiras: investigação, formação, ensino**. Actas do 1º Encontro Nacional de Didática/Metodologia do Ensino das Línguas Estrangeiras. Minho: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, 1999.

AUTORAS

Sirley Machado Maciel / Curitiba / PR / Brasil – DRT –11773 - Mestranda em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Especialista em Psicodrama - Psicodramatista pela Federação Brasileira de Psicodrama; Especialista em EAD; Bacharel em Artes Cênicas (PUC-PR); Sócia Proprietária da Empresa Maciel & Silveira treinamento e Desenvolvimento Ltda e Professora do SENAC-PR, FAEP-PR, SENAR-PR, Grupo Marista e Grupo Decisivo – prestação de serviço.

E-mail: sirleymm@superig.com.br

Nanci Stancki da Luz / Curitiba / PR / Brasil – Doutora em Política Científica e Tecnológica (UNICAMP); Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e do Departamento Acadêmico de Matemática da Universidade Tecnológica do Paraná; coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações de Gênero e Tecnologia (GETEC) e vice-coordenadora do PPGTE – UTFPR.